

La lucha de la Formación del Profesorado y el compromiso con la transformación educativa

Teacher education struggle and the commitment to educational transformation

A luta da formação do professorado e o compromisso com a transformação educativa

1

Francisco Imbernon¹

Resumen: El texto de Francisco Imbernón discute la crisis en la educación y la formación del profesorado, destacando la desmovilización del sector educativo y la necesidad de un "rearme moral e intelectual". El autor critica la predominancia de un pensamiento educativo único y la desvalorización del profesor, proponiendo una nueva perspectiva que valore la diversidad cultural y la participación activa de los educadores en la construcción del conocimiento. Enfatiza la importancia de una práctica educativa crítica y solidaria, inspirada en pensadores como Paulo Freire, para enfrentar las desigualdades y promover una educación más justa y democrática.

Palavras-chave: Transformación. Formación docente. Educación crítica.

Abstract: The text by Francisco Imbernón discusses the crisis in education and teacher training, highlighting the demobilization of the educational sector and the need for a "moral and intellectual rearmament." The author criticizes the dominance of a singular educational thought and the devaluation of teachers, proposing a new perspective that values cultural diversity and the active participation of educators in knowledge construction. He emphasizes the importance of a critical and solidarity-based educational practice, inspired by thinkers like Paulo Freire, to address inequalities and promote a more just and democratic education.

Keywords: Transformation. Teacher education. Critical Education.

Resumo: O texto de Francisco Imbernón discute a crise na educação e a formação de professores, destacando a desmobilização do setor educativo e a necessidade de um "rearme moral e intelectual". O autor critica a predominância de um pensamento educacional único e a desvalorização do professor, propondo uma nova perspectiva que valorize a diversidade cultural e a participação ativa dos educadores na construção do conhecimento. Ele enfatiza a importância de uma prática educativa crítica e solidária, inspirada em pensadores como Paulo Freire, para enfrentar as desigualdades e promover uma educação mais justa e democrática.

Palavras chave: Transformação. Formação docente. Educação Crítica.

Submetido 12/08/2025

Aceito 20/03/2026

Publicado 30/07/2026

¹ Doctor, maestro y licenciado en Filosofía y Ciencias de la Educación. Catedrático de Universidad de Didáctica y Organización Educativa de la Universidad de Barcelona. <http://orcid.org/0000-0001-7566-6358>. E-mail: fimbernon@ub.edu

Estes são tempos difíceis para a educação e a formação. Há uma grande desmobilização do setor educativo, as revistas educativas vendem menos embora se publiquem mais, assim como a leitura de textos de carácter pedagógico, o que por consequência leva a pensar que muitos que se dedicam à nobre profissão docente não leem, pelo menos não o suficiente. Também muitos formadores, formadores de opinião, desapareceram do mapa profissionalizante (eventos, conferências, conferências, debates...).

Alguns, agora mais velhos, acreditaram na última reforma e, cansados de dizer que não era isso, já não falam ou se isolam nos escritórios ou na Universidade. Outros, como já avisaram, dizem e se refugiam nas próprias coisas (a maioria foi e é professor universitário) ou fazem críticas destrutivas a tudo nas redes sociais (agora pode ser feito e você não é tachado de conservador, é possível que é até o contrário) e alguns se vendem à mídia ou ao poder político da educação conservadora, apoiando com sua presença, com seu silêncio suspeito ou com seus relatórios técnicos aqueles que governam atualmente, a partir de políticas conservadoras, a educação do país. E, alguns, continuam na brecha, alguns chegaram tão fundo que não conseguem sair, outros acreditam que muitas coisas ainda podem ser feitas e que tempos melhores virão. Ainda, em muitas partes deste planeta, muitos professores ainda estão à beira da pobreza. Como disse o poeta, o nível cultural de um país é comprovado pelo salário dos seus professores.

Isto leva-nos a pensar que é necessário um rearmamento moral e intelectual (obviamente que o primeiro é o estrutural), uma reestruturação a partir de posições críticas mas novas, para recuperar o que um dia foi sonhado e nunca teve.

Uma nova perspectiva educacional e na formação de professores

Hoje são muitos os que, a partir da análise das diversas formas de desigualdade e opressão, tanto na escola como na sociedade, consideram a militância pedagógica e a ação solidária para desenvolver uma nova cultura profissional alternativa de professores e uma nova prática educativa e social. A obra de Paulo Freire é novamente tomada como referência (depois de tantas referências e constrangimentos anglo-saxões), que serve para analisar a falácia da neutralidade escolar, para construir uma noção de educação mais politizada e para desenvolver uma pedagogia da resistência, da esperança ou da possibilidade. A denúncia e a anunciação,

dois processos indissociáveis segundo Freire. Analisemos as contradições e denunciemo-las, mas procuremos alternativas de mudança (anunciação).

Mas, para assumir uma certa perspectiva mais crítica na educação precisamos distanciar-nos dos sociólogos da reprodução e dos seus discípulos, uma vez que analisam de forma demasiado mecânica o funcionamento e a reprodução do sistema capitalista e, conseqüentemente, não preveem as suas contradições e suas brechas para lutas de resistência e mecanismos de contrapoder. Devemos também acompanhar as teses de uma certa pedagogia (muito em voga hoje) que se chama de progressista, mas, as suas abordagens em relação à escola, à sociedade democrática e ao compromisso e ao conteúdo da mudança no ensino e no professorado são muito etéreas e hesitantes.

Para criar uma nova alternativa, devemos analisar e contrastar uma nova visão da educação com os teóricos e praticantes do neoconservadorismo ou, cada vez mais, do neofascismo (voltar ao básico, deve ser ensinado dessa forma, a culpa é da democracia..., se perderam valores, devemos separar os estudantes, etc.) que reapareceram (hoje políticos educacionais orgânicos bem colocados e intelectuais de certos partidos) devido ao seu elitismo acadêmico, que os leva a considerar certas coisas melhores do que outras: por exemplo, a Universidade como ápice do conhecimento formativo, a desconfiança nos professores, o discurso teórico como modelo do intelectual e a tradição cultural ocidental como superior e única, desconsiderando outras identidades e contribuições culturais. E, por fim, um rearmamento profissional dos professores e da sua formação precisa se opor frontalmente a qualquer manifestação explícita ou oculta da racionalidade neoconservadora, tão presente nas políticas educacionais (competências, excelência, planos estratégicos, qualidade...), seja nos conteúdos curriculares ou nas formas de gestão e controle técnico burocrático da educação.

Note-se, porém, que tudo isto nos desorienta e que a desorientação que sofremos se deve ao fato de, na procura de alternativas, termos avançado mais no campo das ideias do que no das práticas. O rearmamento moral, intelectual e profissional dos professores passa pela recuperação, do próprio professorado, do controle sobre o seu processo de trabalho (incluindo a formação), desvalorizado em consequência da fragmentação curricular, das políticas conservadoras, do poder como estabelecimento de mecanismos de decisão, de isolamento, da

rotinização e da mecanização do trabalho. O objetivo deste rearmamento deveria ser reposicionar os professores para serem protagonistas ativos da sua formação no seu contexto de trabalho, aumentando o seu autoconceito, a sua consideração e o seu estatuto profissional e social. E isso se conseguirá exigindo uma verdadeira colegialidade entre os colegas, uma maior participação nas decisões educativas e a participação de todos os envolvidos na educação da infância e da adolescência: a comunidade.

Também no desenvolvimento de uma prática mais crítica, devemos rever a legitimação oficial do conhecimento escolar, hoje tão defendida pela direita conservadora, e tentar colocar os estudantes em contato com os vários campos e vias do conhecimento, da experiência e da realidade. Nesse sentido, é necessário ser sensível às tradições e valores das minorias étnicas e culturais.

É difícil, com um único pensamento educacional predominante, desmascarar o currículo oculto e descobrir outras formas de ver o mundo. A educação e a formação de professores devem romper com essa forma de pensar que leva a analisar o progresso de forma linear e não permite a integração de outras identidades sociais, outras manifestações culturais da vida quotidiana, e outras vozes secularmente marginalizadas. O que provoca a exclusão social de grandes camadas da população.

Uma nova forma de ver a educação e a formação de professores passa necessariamente por compreender o que acontece face às especificidades relacionadas com as áreas do currículo, às rápidas mudanças de contexto, à rápida implementação das novas tecnologias de informação, à integração escolar daqueles com necessidades educativas específicas, ou ao fenómeno intercultural.

As novas experiências para uma nova escola deveriam buscar alternativas de ensino mais participativas, nas quais o protagonista histórico do monopólio do saber, o professorado, compartilha seu conhecimento com outras instâncias socializadoras que estão fora do estabelecimento escolar. E novas alternativas para a aprendizagem, tornando-a mais dialógica e menos individualista e funcionalista, baseada no diálogo entre iguais e entre todos aqueles que têm algo a dizer a quem aprende. Isso implica uma nova forma de enxergar a formação docente.

Um novo conceito de formação de professores

Talvez seja momento de refletir e buscar novos caminhos que nos levem a novos destinos. Tenho a sensação de que a formação docente, como área de conhecimento, está estagnada. A mesma coisa tem sido dita há anos. Diante disso, pode ser mais interessante ver o que aprendemos e começar a buscar novas alternativas neste mundo em mudança, baseadas na incerteza e em propostas neoconservadoras.

Ao longo dos poucos anos de investigação e prática no domínio da formação de professores, têm-se confirmado diversas evidências que, hoje, são quase inquestionáveis para todos aqueles que, de uma forma ou de outra, se dedicam à formação de professores com o intuito de que sejam sujeitos da sua formação, que recuperem o protagonismo que a racionalidade técnica lhes roubou.

Algumas das evidências são as seguintes:

- A mudança no professorado, por ser uma mudança na cultura profissional, é muito lenta. Mas essa lentidão também implica a necessidade de vivenciar pessoalmente a experiência de mudança. As mudanças dos outros não necessariamente ajudam na mudança de si mesmo.
- A inovação é mais estimulada ao vincular a formação a um projeto de trabalho, e não ao contrário (realizar formação e, posteriormente, elaborar um projeto). Isso significa que a formação deve estar a serviço do projeto elaborado por um grupo.
- A formação, por si só, contribui muito pouco se não estiver conectada a mudanças no contexto, na organização, na gestão e nas relações de poder. O tão mencionado desenvolvimento profissional não depende apenas da formação, mas de diversos componentes que ocorrem em conjunto na prática laboral da docência.
- Uma nova formação do professorado deve estabelecer mecanismos de desaprendizagem para reaprender. Contudo, essa formação gera inovação e, se essa inovação ocorre em contextos de escassez, provoca reivindicações nos docentes. Isso implica maior vigilância dos governos que não desejam reivindicações e, como consequência, estabelecem mecanismos para impedir práticas formativas

alternativas ou práticas formativas inovadoras e críticas, mesmo que constem em seus documentos oficiais e planos de formação.

- Há, cada vez mais, um excesso de formação e poucas mudanças. Talvez isso ocorra porque ainda predomina a formação transmissora, baseada em uma teoria descontextualizada, distante dos problemas práticos, centrada em um professorado médio que não existe. Apesar do discurso de que a formação deve se aproximar da escola e partir das situações problemáticas dos docentes, os projetos nos centros continuam sendo uma eterna reivindicação.
- Devemos nos aprofundar na teoria e na prática da formação a partir de novas perspectivas: as relações entre os professores, as emoções e atitudes, a complexidade docente, a mudança nas relações de poder nos centros, a autoformação, a comunicação, a formação na comunidade, e reduzir o foco na formação disciplinar.

Talvez, se começarmos a refletir sobre o que as evidências dos últimos anos nos mostram e deixarmos de nos guiar apenas pelo que a tradição formativa nos diz, colocando nossas (pré)concepções sobre a formação em quarentena e em discussão, possamos começar a enxergar as coisas de outra maneira. Assim, poderemos tentar mudar e construir uma nova forma de compreender o ensino e a formação do professorado, com o objetivo de transformar a educação e contribuir para uma sociedade mais justa, democrática, solidária e comprometida com a justiça social.